

# Para uma geopolítica autóctone e cultural do desenvolvimento

## Description

A ajuda para o desenvolvimento, até à presente data, neste arquipélago, decerto ponto de vista foi sempre uma “camuflagem”, um verdadeiro investimento de médio a longo prazo por parte dos pressupostos benévolos países doadores, uma falsa generosidade à custa dos contribuintes desses países “generosos”.

A ajuda para o desenvolvimento, até à presente data, neste arquipélago, decerto ponto de vista foi sempre uma “camuflagem”, um verdadeiro investimento de médio a longo prazo por parte dos pressupostos benévolos países doadores, uma falsa generosidade à custa dos contribuintes desses países “generosos”.

Aqui, em Cabo Verde, a ajuda, observando alguns indicadores e ações “contratos” faz-nos chegar à conclusão que o processo comprou influências e comportou condições humilhantes: exigência de prática de boa governação, obrigatoriedade de respeito dos direitos humanos fundamentais, etc. (não sou contra essas ideias, mas sim contra a imposição como condição necessária...), a obrigatoriedade, por exemplo, no caso do projeto “Casa para Todos”, da presença de empresários portugueses e materiais de construção a serem adquiridos, em Portugal... preservando, pois, os interesses do país doador-emprestador, do capital, perdão “do investidor”, que cingidamente exporta, seu próprio negócio e dá emprego à sua classe empresarial, quando o montante, da ajuda empréstimo e dos juros, deverá, ser honrado por Cabo Verde, mas, estrategicamente, o país “investidor” faz valer sua imposição, como condição sine qua non...

Aliás a história, de maneira geral, nunca rezou que houve país qualquer neste planeta terra, que desenvolveu-se graças à ajuda para o desenvolvimento... em Cabo Verde, devemos ser sempre nós mesmos os mestres do nosso destino e do nosso desenvolvimento, a ser realizada à nossa maneira e necessariamente deve-se atrair e envolver todas as forças vivas das nove ilhas e na diáspora, no processo...

Se recuarmos três séculos atrás, quando os veleiros americanos da pesca da baleia recrutavam cabo-verdianos nesta aventura, inserido já no século XIX, Cabo Verde entra na modernidade da economia mundial. Esta primeira leva da emigração espontânea, de mão-de-obra nacional para os Estados Unidos, provavelmente os primeiros assalariados cabo-verdianos, esses primeiros crioulos da diáspora, graças às suas poupanças, que foram enviadas nas cartas ou em mãos, ajudaram, as suas famílias, aqui no país a enfrentarem as secas e mais dificuldades... Essas remessas económicas foram eficazes contra o abandono e a irresponsabilidade do colonizador em relação a Cabo Verde.

Os primeiros emigrantes cabo-verdianos, cedo familiarizaram-se com os mecanismos, do capitalismo (católico-protestante) graças ao trabalho assalariado, os que regressavam à terra em férias traziam novidades e utensílios domésticos, com impacto no melhoramento da qualidade de vida, dos que ficaram e os emigrantes, aprenderam, o que o colono não teve capacidade de mostrar aos nativos, a saber, os mecanismos da produção, do comércio e da poupança, área onde até à presente data os americanos continuam superiormente máis fortes e muito mais eficazes, que os próprios portugueses e nesses tempos, a vida em Cabo Verde parecia ser quase impossível e sem esperança de mudança. Aparecerem casas novas e mais construções de infraestruturas mais modernas e mais confortáveis, e a afirmação de trabalho assalariado no território nacional, fez se valer. Se em tempos remotos houve nichos de desenvolvimento autónomos em Cabo Verde, hoje se houver vontade política, realizaremos nós mesmos a nossa rota de desenvolvimento, estamos ativos na economia mundial, a indústria turística, nacional, está a crescer e precisa ser diversificada e fidelizada, a nossa economia, nacional, precisa também, ser diversificada e relançada, em todas as ilhas habitadas, o tecido empresarial, deverá ser protegido e empoderado, revendo a imposição fiscal e os custos da energia e água, sem esquecermos de criar efetivamente, condições de atração do investimento direto estrangeiro (IDE).

As remessas da diáspora, que continuaram sempre até a presente era, atuam, de maneira potencial, no crescimento e desenvolvimento de Cabo Verde, mas elas deviam ser transformadas em investimentos e a informalidade deve

necessariamente transitar definitivamente para o proceso formal e na presente época de sociedade da nova tecnoloxía de información, comunicación, robótica e intelixencia artificial, Cabo Verde, poderá, grazas á integración socioeconómica da xuventude das nove ilhas, hoxe, máis ben formada e competente que as xeracións precedentes, crear, seguramente, mellores oportunidades de mudanza e de desenvolvemento, máis adecuado á nosa realidade geopolítica, cultural social e económica.

## APARTADO TEMÁTICO GEOGRÁFICOS

África

## ETIQUETAS

Cabo Verde internacional Galicia

## IDIOMA

Portugués

## INVESTIGACIÓN

Observatorio Galego da Lusofonía

### Date Created

Setembro 11, 2018

### Meta Fields

**Autoría :** 4111

**Data publicación :** 2018-09-11 00:00:00